

DOCUMENTOS PARA O ENSINO

A PAISAGEM RURAL DO MINHO

Com este conjunto de fotografias, escolhidas como ilustração da organização agrária típica da Ribeira do Minho, procuramos iniciar um album de documentação de temas geográficos, gerais e regionais, que gostaríamos de ver continuado com a colaboração dos professores do ensino secundário. O C. E. G. põe, desde já, à disposição dos interessados a sua colecção de fotografias, diapositivos, mapas e plantas de aglomerações, que poderão servir de base a outros ensaios futuros, e continua a pedir uma apreciação critica acerca da dimensão das fotografias apresentadas, do tema, do tipo de comentário, bem como novas sugestões, de modo a ir ao encontro de algumas dificuldades do ensino da Geografia ao nível dos liceus e escolas técnicas.

O Minho da Ribeira corresponde aos vales largos, de vertentes no geral abruptas; cortam estes a Montanha que, em anfiteatro, se eleva rapidamente desde o litoral até aos altos cimos de Castro Laboreiro, da Serra Amarela, do Gerez, do Marão. Por acumulação dos produtos de alteração do granito forma-se um solo profundo, arenoso, cuja composição química e estrutura, sob um clima oceânico, de Estio pouco marcado, permitem uma agricultura intensiva. A ocupação humana é antiga, a propriedade pequena, muito parcelada e formada por elementos dispersos pelos fundos dos vales, pelas encostas e até pela montanha. Os elementos desta paisagem rural são o *campo-prado*, as *bouças*, onde se corta a lenha, e também o mato com que se prepara a cama dos gados e se assegura a produção de estrume, os *pinhais*, os *baldios* e ainda as *aldeias pouco coesas* e as *casas disseminadas*. Os campos aparecem fechados por renques de árvores, às quais se engavinham as videiras (vinha de enforcado), de simples arbustos, de vinhas armadas em latadas e por vezes também por muros de pedra que, socalcando a encosta, permitem vencer os declives e conservar o solo. Durante o Inverno são ocupados por prados limados (lameiros) e no Verão por culturas de milho, também regadas (rega de abundância). Este cereal, juntamente com as hortaliças, constitui a base da alimentação tradicional da população rural do Minho, e a venda do milho e dos bovinos a fonte quase única de receitas monetárias ⁽¹⁾.

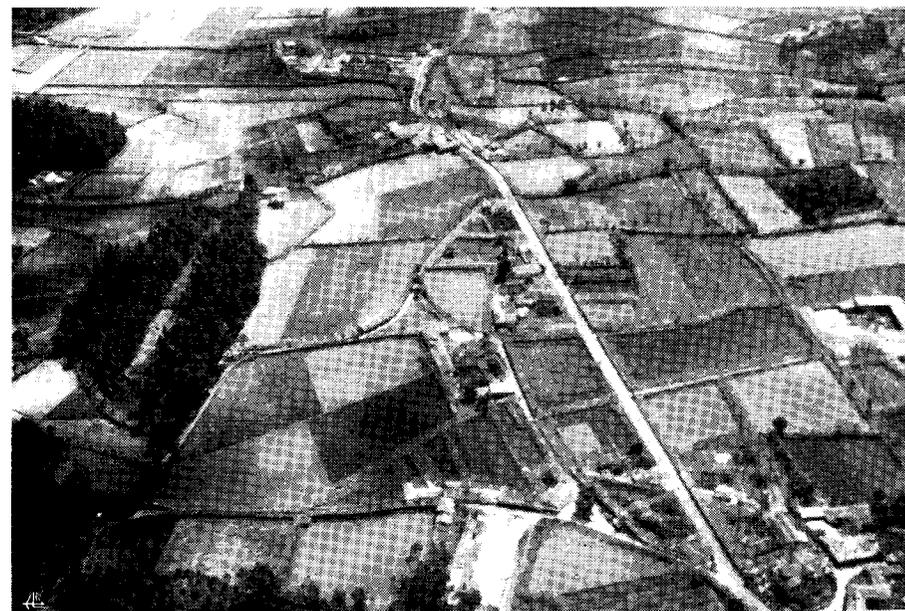
CARMINDA CAVACO

⁽¹⁾ Para mais pormenor, ver, de ORLANDO RIBEIRO, *Geografia de España y Portugal*, t. v (Portugal), Barcelona, 1955, e *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, 3.ª edição, 1967.

EST. I, A — Vista de conjunto do Vale do Minho, na região de Valadares, Sá e Messegães, tirada da Senhora da Graça, a 315 m, em Junho. No primeiro plano, encosta abrupta, em rocha eruptiva, coberta de mato e pinhal. No segundo, xadrez irregular de campos de diversas dimensões, ocupados por milho e contornados por latadas, sobre uma extensa rechã, a cerca de 80 m. Dispersão de casas, muitas já modernas e caiadas, em grande parte como reflexo da emigração. Ao fundo, vertente galega, com grandes manchas arborizadas, campos em socalcos pela encosta menos declivosa, e aldeias muito frouxas — Sela. (Fot. de S. DAVEAU.)

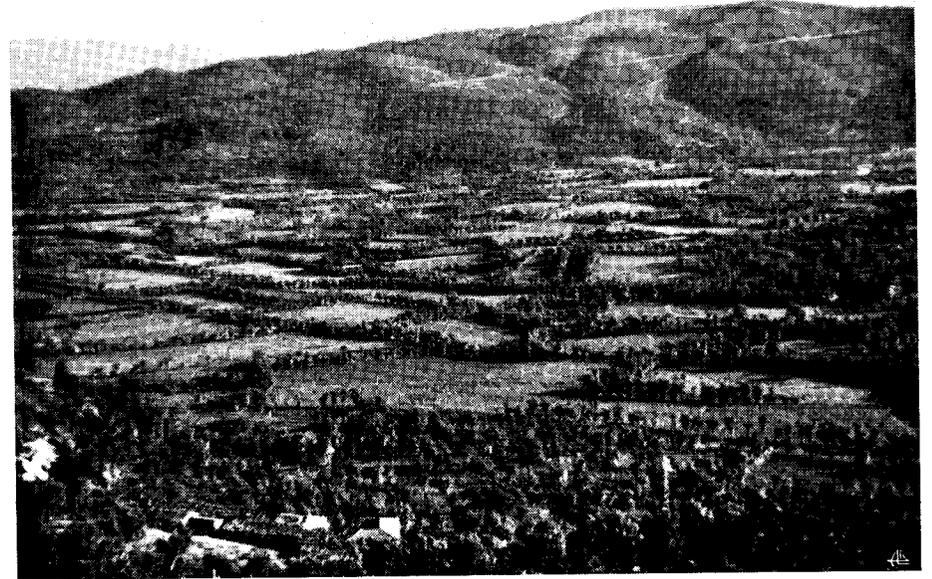


EST. I, B — Vista de avião, na região da Póvoa de Varzim. Conjunto de campos semelhantes aos da estampa anterior. Parcelas de formas geométricas, de dimensões muito variadas mas sempre pequenas, umas vezes fechadas por latadas, outras formando blocos maiores, que as vinhas corntornam. A direita da estrada, algumas árvores sublinham o limite dos campos, esboçando uma *paisagem de bocage*. Retalhos de floresta, sobre pequenos relevos não alcançados pelas regueiras. Dispersão das casas, algumas traduzindo pelas suas dimensões a existência de explorações mais importantes, junto das quais aparecem, aliás, os maiores campos, como se observa no centro, à direita da estrada e também à esquerda, entre esta e o retalho de floresta. Parcelas lavradas e outras já semeadas de milho. (Fot. de S. DAVEAU.)



EST. II, A -- Paisagem de *bocage*, no vale da Ribeira do Pregal, junto da Póvca de Lanhoso. Vale largo, de fundo plano e encosta íngreme, abarrancada e exposta ao norte, da Serra de Galegos, a 462 m. Enquanto esta está coberta de floresta de pinheiros marítimos, as terras baixas são cortadas por uma malha geométrica de sebes de árvores com vinha de enforcado. Os campos estão semeados de milho. O povoamento, na passagem para a *Montanha*, tende a concentrar-se no sopé das encostas, deixando livre o alargamento do vale na convergência de várias fracturas; desaparece a dispersão das casas que as estampas anteriores mostravam.

(Fot. de R. S. DE BRITO.)

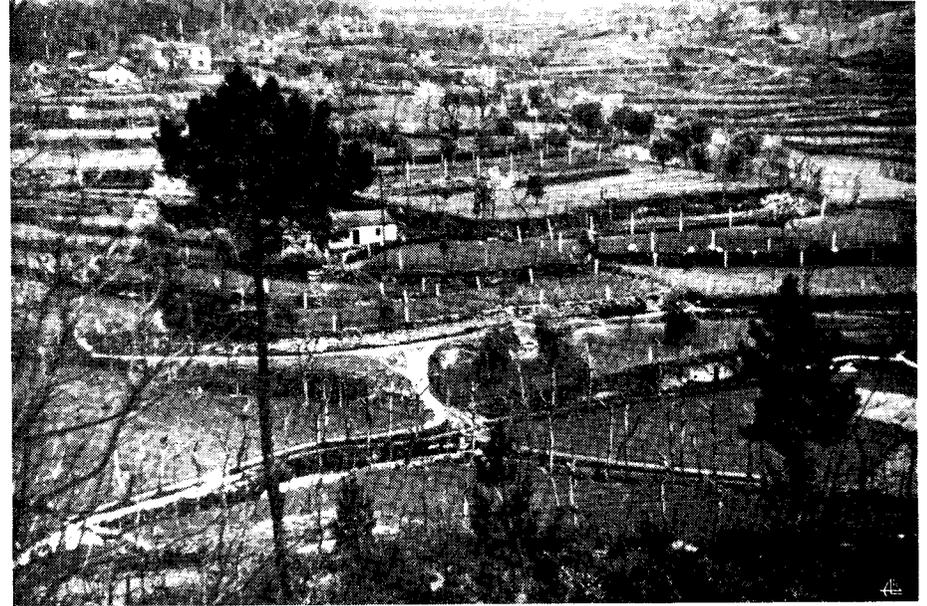


EST. II, B — Paisagem agrária no sopé da *Montanha*, junto de Arcos de Valdevez. No primeiro plano, campos de formas irregulares contornados por sebes de arbustos com algumas árvores e semeados de milho (Verão); alguns esteios brancos, de pedra, para armação das ramadas, que são todavia raras. No segundo plano, massas de pinhal interrompidas por pequenas clareiras de cultura em socalcos, igualmente cultivados com milho. Ao fundo, a Portela do Homem corta a montanha, no conjunto nua, terreno de pastos e bouças com algumas peladas onde se cultivou centeio (canto direito). (Fot. de O. RIBEIRO.)



EST. III, A — Região de Amarante. Encosta pouco declivosa, arranjada em socalcos. Vinha de enforcado e em bardos, respectivamente apoiada por choupcos (uveiras) e por esteios de granito; árvores de fruto em flor e oliveiras de copa arredondada e folhagem escura, na encosta scalheira e abrigada; alguns pinheiros marítimos elevando-se isoladamente sublinham um retalho inculto, no primeiro plano. Os campos estão ocupados por prados regados — *lameiros* (Primavera).

(Fot. de R. S. DE BRITO.)

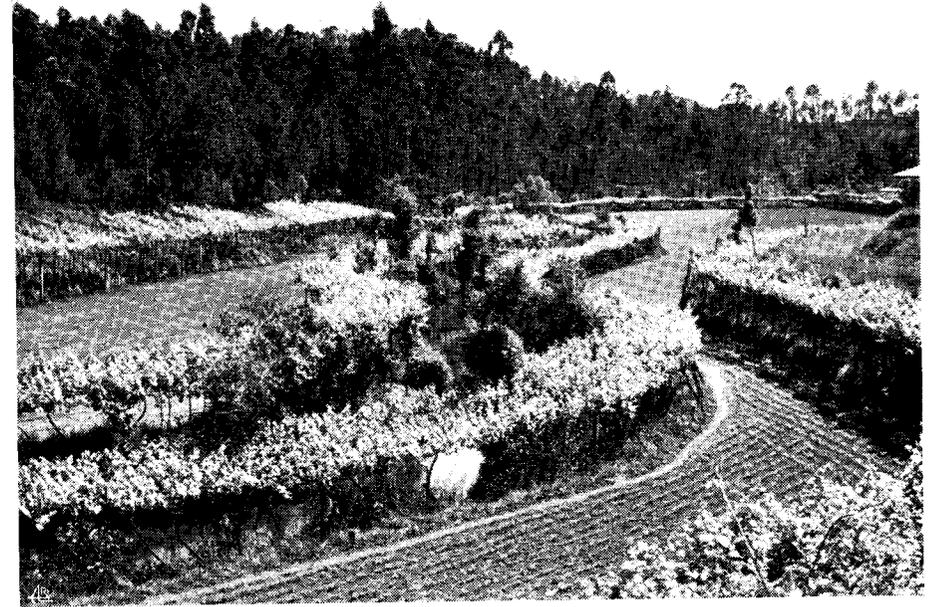


EST. III, B — Imagem de um canto rural situado um pouco a norte de Amarante. O centeio, ainda verde, ocupa o primeiro campo, enquanto nos outros cresce o prado. A vinha de enforcado começa a rebentar com a Primavera. No fundo, floresta descendo até à estrada.

(Fot. de S. DAVEAU.)



EST. IV, A — Vale do Regato da Nespereira, a sudoeste de Guimarães. A forma estreita do vale condiciona a morfologia agrária: campos alongados e sinuosos acompanham as curvas do ribeiro, tal como as latadas que os limitam junto da linha de água e no contacto com a floresta, que desce até à rotura de declive. Em Junho, o milho começa a crescer, sublinhando os regos onde foi semeado e o intenso aproveitamento da terra que, na cabeceira do campo, é lavrada em sentido perpendicular (canto da direita). (Fot. de S. DAVEAU.)



EST. IV, B

EST. IV, B — Pormenores duma latada, a noroeste de Guimarães. Altos esteios de granito, ligados por arames, permitem armar as vinhas segundo um plano horizontal, expondo-as melhor ao sol, que amadurecerá os cachos de uvas. Lateralmente ao caminho de acesso à casa, sombreado pela latada, o canal de rega leva a água duma poça até ao campo. Junto desta, um alfobre de couve galega. (Fot. de S. DAVEAU.)

